

Da proibição à ascensão (onde?): mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro

RESUMO

Aproximadamente trinta anos após o fim da proibição das competições de futebol de mulheres no Brasil, é possível observar ações afirmativas de entidades esportivas e avanços para democratização da modalidade. Contudo, existem lacunas investigativas quanto ao cenário de prática, especialmente no nível competitivo. O objetivo deste estudo foi mapear geograficamente o local de nascimento das jogadoras participantes da Série A1 do Campeonato Brasileiro 2021 e a origem dos clubes presentes nas edições de 2013 a 2021, além de relacionar ao Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) das cinco regiões brasileiras. A abordagem foi de cunho descritivo-exploratório e ocorreu a partir do nome, município e estado de nascimento das jogadoras, agrupados por regiões, a partir de fontes primárias contemporâneas. Também foram analisadas a origem geográfica das equipes participantes de todas as edições da Série A1 do Campeonato Brasileiro desde sua primeira edição. Os resultados apontam predomínio do Sudeste, região mais populosa, rica e dona do maior IDHM do país, cenário análogo a outras modalidades esportivas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mulheres; Esporte; Educação física

Luã Rebollo Accocella

Bacharel em Ciências do Esporte
UNICAMP, FCA, Limeira, SP, Brasil
aaquilao@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0870-2034>

Luis Felipe Nogueira Silva

Mestre em Educação Física e Sociedade
UNICAMP, LEPE, Campinas, SP, Brasil
luisfelipenogu@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0583-4445>

Mariana Zuaneti Martins

Doutora em Educação Física
UFES, GRUPA, Vitória, ES, Brasil
marianazuaneti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0926-7302>

Larissa Rafaela Galatti

Doutora e Livre Docente em Educação Física
UNICAMP, LEPE, Limeira, SP, Brasil
lgalatti@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0003-1743-6356>

From prohibition to rise (where?): geographical mapping of the places of birth of women's athletes and football clubs participating in the Brazilian soccer championship

ABSTRACT

Approximately thirty years after the end of the ban on women's football in Brazil, it is possible to observe affirmative actions by sports entities and advances towards the democratization of the sport. However, there are research gaps regarding the practice scenario, especially at a high competitive level. The objective of this study was to geographically map the birthplace of the players participating in the Brazilian Women's Football Championship (Série A1) in 2021, as well as the origins of the clubs present in the editions from 2013 to 2021. Additionally, it aimed to correlate this data with the Human Development Index of the Municipalities (IDHM) in the five Brazilian regions. The approach was descriptive-exploratory and occurred from the name, city and state of birth of the players, grouped by region, from contemporary primary sources. The geographic origin of the teams participating in all editions of the A1 Series of the Brazilian Championship since its first edition in 2013 were also analyzed. The results point to a predominance of the Southeast, the most populous, richest region and owner of the highest IDHM in the country, a scenario similar to other Brazilian sports.

KEYWORDS: Soccer; Women; Sport; Physical education

De la prohibición al ascensor (¿dónde?): mapeo geográfico de los lugares de nacimiento de atletas y clubes de fútbol participantes del campeonato brasileño

RESUMEN

Aproximadamente treinta años después del fin de la prohibición del fútbol femenino en Brasil, es posible observar acciones afirmativas de las entidades deportivas y avances hacia la democratización del deporte. Sin embargo, existen vacíos de investigación en cuanto al escenario de práctica, especialmente en un alto nivel competitivo. El objetivo de este estudio fue mapear geográficamente los lugares de nacimiento de los jugadores que participan en la Serie A1 del Campeonato Brasileño 2021, vinculados al Índice de Desarrollo Humano de los Municipios (HDIM) de las cinco regiones brasileñas. El abordaje fue descriptivo-exploratorio y se dio a partir del nombre, ciudad y estado de nacimiento de los jugadores, agrupados por región, a partir de fuentes primarias contemporáneas. También se analizó el origen geográfico de los equipos que participan en todas las ediciones de la Serie A1 del Campeonato Brasileño desde su primera edición en 2013. Los resultados apuntan a un predominio del Sudeste, la región más poblada, rica y dueña del mayor IDHM en el país, un escenario similar a otros deportes brasileños

PALABRAS-CLAVE: Fútbol; Mujeres; Deporte; Educación física

INTRODUÇÃO

Principiado no Brasil no início do século XX, o futebol de mulheres foi tratado por décadas como algo “bizarro” e inferiorizado em relação à prática da modalidade por homens. Por representar uma transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da feminilidade, a modalidade foi impedida por uma proibição que perdurou por quase 40 anos, regulamentada apenas após 1983 (GOELLNER; KESSLER, 2018). A partir deste momento, a modalidade se expandiu com a organização de campeonatos e clubes, todavia, sem acabar com os obstáculos, exclusões, preconceitos e restrições que constituíram sua trajetória secular e que deixaram cicatrizes incômodas até hoje (PISANI, 2014).

O crescimento da modalidade, especialmente nos últimos anos, vem ocorrendo a partir de estratégias de desenvolvimento, organização e sobretudo promoção de competições. Tais medidas tomadas pelas entidades esportivas responsáveis se deram a partir de pressões da Federação de Internacional de Associações de Futebol, a FIFA, órgão máximo do futebol mundial, que passou a ser incisiva em relação à regulamentação do futebol de mulheres (SILVA, 2020, BARREIRA, 2021).

O compromisso assumido pela FIFA em escala global com programas de fomento ao futebol de mulheres chancela o que Williams (2007) chamou de terceiro período histórico da modalidade, iniciado em 2004. Não existia, até então, qualquer projeto de desenvolvimento do esporte em longo prazo pela entidade. Portanto, é nesse momento que a FIFA passou a ter como um dos pilares do seu desenvolvimento, o futebol de mulheres - fortalecendo a modalidade mundialmente (ALMEIDA, 2019; JANUÁRIO, 2020; BARREIRA, 2021).

Em 2016, a FIFA promoveu o ‘Programa de Desenvolvimento Avançado’ com o intuito de fomentar maiores investimentos, supervisão, incentivo, suporte e desenvolvimento do futebol em escala global “para que todos que queiram participar [da modalidade], possam fazê-lo sem barreiras” (FIFA, 2016). No ano anterior, a mesma instituição implementara as “Diretrizes e Programas de Desenvolvimento do Futebol Feminino” para que, entre 2015 e 2018, pudessem ser construídas estruturas de base sólidas o bastante desenvolver, de forma consistente, o futebol de mulheres em todos os continentes (BARREIRA, 2021).

Também em 2016, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) listou em seu Regulamento de Licenças de Clubes a obrigatoriedade de investimentos no futebol de mulheres para participação legal de equipes masculinas em suas competições (BARREIRA et al., 2020). Este ato entrou em vigor em 2019, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) determinou que

todos os clubes participantes da Série A, a primeira divisão do Campeonato Brasileiro Masculino, deveriam manter equipes femininas profissionais e de base

No Brasil, o cenário futebolístico feminino anterior à determinação de sua entidade suprema ao futebol de mulheres oscilava em termos de manutenção de equipes e de torneios, a despeito de importantes performances obtidas pelo selecionado nacional. Ainda que torneios nacionais de clubes tenham sido promovidos a partir da década de 1980, a CBF organizou o primeiro Campeonato Brasileiro Feminino apenas em 2013 (observado e analisado no presente estudo) – com 64 anos de atraso em relação aos homens – denotando a ausência de projetos e estruturas ao desenvolvimento da modalidade entre mulheres (PASSERO et al., 2020).

A primeira edição do Campeonato Brasileiro Feminino contou com a participação de 20 equipes, de todas as cinco Regiões do país. Após a extinção da Copa do Brasil Feminina em 2016, foi criado um segundo escalão do Campeonato Brasileiro, a Série A2 com 16 clubes, mesmo número de que equipes passaria a ter a primeira divisão, agora denominada de Série A1. Desde então, algumas mudanças estruturais são avistadas no horizonte nacional do futebol de mulheres.

Reconhecendo a importância de ações afirmativas implantadas nos últimos anos para o fomento da modalidade, o estudo visa possibilitar reflexões sobre o *modus operandi* das ações, que acabam por favorecer uma reprodução do cenário de concentração de forças ocorrida no futebol masculino. O mapeamento realizado, portanto, é relevante na medida em que problematiza a diversidade de como se manifesta o futebol de mulheres pelo país. Assim, o objetivo foi descrever o local de nascimento das jogadoras da Série A1 do Campeonato Brasileiro Feminino e a origem geográfica dos clubes presentes nas edições de 2013 a 2021, analisando suas relações com o Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) de cada uma das cinco regiões do Brasil. Para tanto, optamos pela Série A1 do “Brasileirão”, dado que a competição é a maior e mais relevante do futebol brasileiro.

MÉTODOS

O estudo, em seus procedimentos metodológicos, usufruiu de uma abordagem de cunho descritivo-exploratório por ter o intento de relatar e interpretar fatos e informações do contexto investigado, estabelecendo diálogo com marco teórico e objetivos delineados (MARCONI; LAKATOS, 2021). Valeu-se, assim, da técnica de análise documental, uma vez que os dados foram retirados de súmulas oficiais das partidas disputadas pelo Campeonato Brasileiro da Série A1, disponibilizadas no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), além dos sites oficiais dos

clubes participantes (quando disponibilizavam informações quanto à data e o local de nascimento das jogadoras) e o portal digital <https://ogol.com.br> sendo tais páginas da web caracterizadas como fontes primárias contemporâneas (MARCONI; LAKATOS, 2021).

Desse modo, foram analisadas a origem geográfica a partir do nome e município de nascimento de jogadoras de futebol atuantes nos 16 clubes participantes da edição 2021 da Série A1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Um critério determinante para seleção da amostra foi a participação em minutos das atletas na competição, sendo selecionadas as 18 jogadoras de maior tempo de participação em jogo de cada equipe. Assim, do total de 332 de atletas que disputaram a competição em 2021, selecionamos 288, obtendo ou não, posteriormente, todas as informações necessárias sobre elas. Também foram observadas a quantidade de clubes e atletas de cada uma das cinco regiões brasileiras. Para tanto, foram consideradas, além das súmulas oficiais das partidas, disponibilizadas no site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), as páginas virtuais de cada um dos 16 clubes participantes. O Quadro 1¹ informa os clubes participantes da pesquisa, suas respectivas cidades, estados e regiões.

Quadro 1. Clubes participantes da pesquisa

CLUBE	CIDADE	ESTADO	REGIÃO
Santos FC	Santos	SP	Sudeste
SE Palmeiras	São Paulo	SP	Sudeste
SC Corinthians Paulista	São Paulo	SP	Sudeste
São Paulo FC	São Paulo	SP	Sudeste
Assoc. Ferroviária de Esportes	Araraquara	SP	Sudeste
São José EC	São José dos Campos	SP	Sudeste
SC Internacional	Porto Alegre	RS	Sul
Grêmio FBPA	Porto Alegre	RS	Sul
Avai Kindermann	Florianópolis	SC	Sul
AA Napoli	Caçador	SC	Sul
CR Flamengo	Rio de Janeiro	RJ	Sudeste
Botafogo FR	Rio de Janeiro	RJ	Sudeste

¹ Sete dos 16 clubes participantes não informaram a naturalidade de algumas jogadoras analisadas: Ferroviária/SP (1); Real Brasília/DF (2); Cruzeiro/MG (2); Botafogo/RJ (3); São José/SP (1); Minas Brasília/DF (4); o Flamengo/RJ, que não informou a naturalidade de (8) jogadoras.

Cruzeiro EC	Belo Horizonte	MG	Sudeste
Minas Brasília FF	Brasília	DF	Centro-Oeste
Real Brasília	Brasília	DF	Centro-Oeste
EC Bahia	Salvador	BA	Nordeste

Fonte: Elaborado pelas/os autoras/autores

Para compreender a razão e origem de possíveis fluxos migratórios das atletas, também levantamos os clubes participantes da Série A1 do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino - Série A1, de 2013 a 2021. Desse modo, poderíamos visualizar em que medida determinadas regiões, mesmo com poucos representantes no campeonato de 2021, poderiam ter sido representadas em edições anteriores, bem como ponderar se a origem da atleta também está relacionada às regiões que, antes de 2019, possuíam mais clubes disputando o certame em questão. Esse levantamento foi feito por meio do site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Ademais, o estudo tomou como base o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano por Município), métrica metodologicamente ajustada do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que classifica estatisticamente a expectativa de vida, educação e renda *per capita* de todas as nações reconhecidas pela ONU (Organização das Nações Unidas). O IDHM leva em conta os dados de cada um dos 5.568 municípios brasileiros, divididos em cinco regiões (Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul) – conforme elaboração do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A análise do IDHM dos municípios de cada uma destas regiões evidencia o maior desenvolvimento socioeconômico das regiões Sudeste (0,766), Centro-Oeste (0,757) e Sul (0,754), em relação aos índices das regiões Norte (0,667) e Nordeste (0,663) (PNUD; IPEA; FJP, 2016). O IDMH foi utilizado para articular a discussão da origem geográfica das jogadoras de futebol que disputaram o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino - Série A1 .

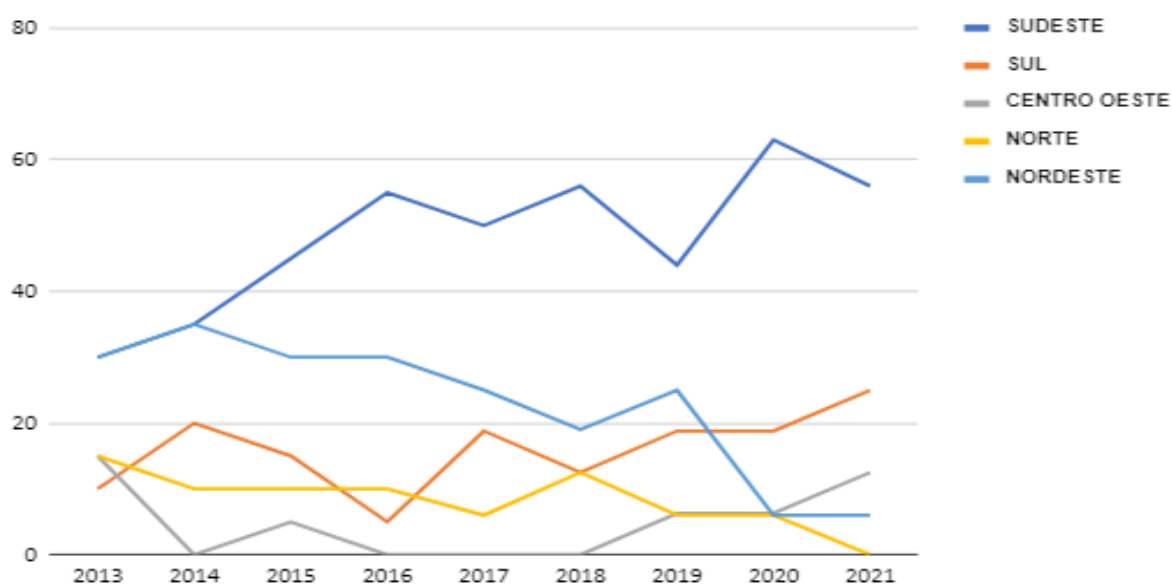
Ao observar o IDHM das regiões dos clubes e do nascimento das atletas, buscou-se verificar se assim como no futebol de homens, há correlação entre desenvolvimento socioeconômico e detecção/ formação de jogadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A edição 2021 do Campeonato Brasileiro Série A1 apresenta uma maioria de clubes oriundos da Região Sudeste (9/16), seguidos da Região Sul (4/16). Além delas, dois clubes da

Região Centro-Oeste e um clube da Região Nordeste. Historicamente, embora a região sudeste sempre tenha se mostrado um centro importante de clubes de futebol de mulheres no principal campeonato nacional, havia uma melhor distribuição regional em especial na primeira edição de 2013, como ilustra a Figura 1:

Figura 1. Proporção percentual de clubes participantes do Campeonato Brasileiro série A1 (2013-2021) por região brasileira



Fonte: Elaborado pelas/os autoras/autores

A predominância da Região Sudeste se mostra mais acentuada e ultrapassa os 60% de clubes em 2020², ano posterior ao início da vigência da determinação da CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) que obriga os clubes das principais divisões dos campeonatos nacionais a terem departamentos femininos para poderem disputar as competições sul-americanas. Com esse novo dispositivo, equipes como Palmeiras, São Paulo, Botafogo, Vasco da Gama, Fluminense, entre outros, reativaram suas equipes de futebol de mulheres.

A Região Centro-Oeste não teve representante em quatro das nove edições. A Região Sul apresentou um crescimento na edição de 2021, sendo representada por 25% dos clubes do Campeonato Brasileiro Série A1, atingindo sua maior participação na história do certame. Já a

² O certame, originalmente, estava previsto para ser disputado entre meses de fevereiro e setembro, mas acabou suspenso em sua quinta rodada, ainda no mês de março, em função da pandemia de COVID-19, sendo retomado em agosto e finalizado em dezembro.

Região Nordeste, que na primeira edição em 2013 esteve representada por 30% dos clubes do campeonato nacional, em 2017 viu o índice cair para 25%, passando a ter apenas 6,3% em 2020 e 2021. A Região Norte, por sua vez, sempre foi representada por pelo menos um clube até 2020, estando ausente pela primeira vez em nove edições na temporada de 2021 do Campeonato Brasileiro Série A1.

Vemos que a resolução da CONMEBOL vem contribuindo com o crescimento do futebol de mulheres nas regiões onde o futebol de homens era mais desenvolvido. No entanto, tem desfavorecido regiões - e possivelmente clubes - que fomentavam o futebol de mulheres no início do campeonato nacional. Um primeiro indicativo importante do estudo é a necessidade de verificar se os clubes que ofereciam o futebol de mulheres de alto rendimento nessas regiões seguem oferecendo a modalidade em outros níveis, assim como que é o volume de prática em categorias de base e esporte de participação, visto que essa migração de clubes participantes para as regiões sul e sudeste possivelmente gerou migração de atletas. Esse fluxo tende a diminuir as possibilidades de desenvolvimento do futebol de mulheres em regiões antes tradicionais nessa oferta no país (GALATTI, et al., 2016; BARREIRA et al., 2022)

Considerando essa tendência à concentração dos clubes na Região Sudeste do país, na edição de 2021 do Brasileirão Feminino, avançamos em investigar a origem das atletas que integram esses clubes e a correlação da frequência relativa das regiões de origem das atletas com a dos clubes do campeonato, como observamos na Tabela 1.

Tabela 1: Frequências absolutas e relativas dos Estados de origem das atletas e dos clubes da Série A1 do Campeonato Brasileiro

ESTADO DE ORIGEM/ DISTRIBUIÇÃO	SUDESTE	SUL	NORDESTE	CENTRO- OESTE	NORTE
Frequência absoluta da origem das atletas	146	54	44	13	9
Frequência relativa da origem das atletas	55%	20%	17%	5%	3%
Frequência absoluta de origem dos clubes	10	4	1	1	0
Frequência relativa da origem dos clubes	63%	25%	6%	6%	0%

Fonte: Elaborado pelas/os autoras/autores

Quanto à origem geográfica das jogadoras que disputaram o Campeonato Brasileiro Série A1 2021, verificamos que mais da metade nasceu na Região Sudeste. De acordo com o censo realizado pelo IBGE (2010), o Sudeste é a região com maior número de habitantes do Brasil (42,13% do total da população) e conta com o IDHM mais alto do país (0,766). Apenas 3% do total de jogadoras analisadas nasceram na Região Norte, que possui o segundo menor número de habitantes do Brasil e conta com o segundo pior IDHM (0,667), além de apresentar a menor renda familiar média no país.

Outro destaque é a região Nordeste, que possui o mais baixo IDHM (0,663), de acordo com PNUD (2016) e que, além de apresentar a maior queda de clubes representantes nas últimas edições do campeonato, é contemplada por somente 17% das jogadoras analisadas no estudo. De acordo com o censo do IBGE (2020), a Região Nordeste concentra 27,3% da população e apresenta quase metade (47,9%) da pobreza do país, além de possuir o segundo menor valor de renda familiar média.

A Região Sudeste possui monopólio no que diz respeito à participação na elite do futebol feminino brasileiro, tanto pelos clubes representantes, quanto pelas jogadoras atuantes. A partir dos quesitos de renda, saúde e educação, o IDHM é uma medida utilizada para medir o desenvolvimento de uma determinada sociedade (nesse caso, de uma região) e, não à toa, a região conta com o maior IDHM do país, além de possuir o maior poderio financeiro, sendo responsável por 54,2% do PIB nacional (CNI, 2021).

Além disso, 31,6% das jogadoras são do Estado de São Paulo (que possui o segundo maior IDHM e é o estado mais rico do país, PNUD, 2016), conforme a Tabela 4. Apontamento semelhante é realizado por Faria, et al. (2021) e Galatti, et al. (2021) no basquete: São Paulo é responsável por mais de 70% das atletas participantes da Liga de Basquete Feminino, principal competição nacional da modalidade. A predominância da origem geográfica de atletas oriundas de estados das regiões Sul e Sudeste pode estar vinculada ao fato de possuírem IDHM considerado alto (acima de 0,700), o que tornaria mais propício, tanto oportunidades de lograrem carreiras profissionais, quanto o êxito competitivo de equipes desses locais. Associa-se ao fato da região concentrar maior riqueza, havendo mais dinheiro para ser investido tanto no esporte de base como de alto rendimento - o primeiro por relação com recursos de Lei de Incentivo e prefeituras mais sólidas, o segundo por investimento público e privado (LEONARDI et al., 2021; UHLE et al., 2022). O elemento concentração de riqueza vale também para o futebol de mulheres, o que vem sendo potencializado pelo recente investimento dos clubes de futebol de homens na categoria, elevando os valores investidos - o que é importante para o desenvolvimento do esporte e de melhores condições de trabalho para as atletas - mas que pode estar dificultando a clubes de outras

regiões manterem a oferta da modalidade e, por consequência, que atletas dali provenientes se desenvolvam no esporte.

Na Copa do Brasil Feminina, extinta em 2016, sete das 10 edições foram vencidas por clubes do Sudeste³. Ademais, todas as edições do “Brasileirão” feminino, de 2013 a 2021, foram vencidas por clubes do Sudeste. Há, nesse âmbito, semelhanças com o futebol masculino, como delineado por Costa; Cardoso e Garganta (2013) e de Costa; Cardoso (2021). Segundo os autores, além da predominância de sucesso dos clubes do Sudeste, aproximadamente $\frac{3}{4}$ dos jogadores homens da primeira divisão do Campeonato Brasileiro são nascidos em municípios com IDHM superior ao da média nacional (0,765).

O Sudeste concentra 46% dos municípios brasileiros com mais de 200 mil habitantes (IBGE, 2020). Todas as cidades dos clubes dessa região que disputaram o Campeonato Brasileiro Série A1 em 2021 se localizavam nesses centros urbanos que, via de regra, oferecem uma combinação entre oportunidades de desenvolvimento esportivo e infra-estrutura para prática mais apurada em relação a cidades menores – potencializando um efeito migratório de atletas (COSTA; CARDOSO; GARGANTA, 2013; COTÊ, et al, 2015; TOZETTO et al., 2017; FARIA et al., 2021).

Tabela 2. Principais Estados de origem das atletas e dos clubes

ESTADO DE ORIGEM DAS ATLETAS	FREQUÊNCIAS ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA (AMOSTRA DAS ATLETAS)	FREQUÊNCIA RELATIVA DE CLUBES DO ESTADO
SP	84	31,6%	37,5%
RJ	35	13,2%	12,5%
MG	23	8,6%	12,5%
RS	23	8,6%	12,5%
BA	21	7,9%	6,3%
SC	16	6,0%	12,5%
PR	15	5,6%	0
Outros	20	18,4%	6,2%

Fonte: Elaborado pelas/os autoras/autores

³ Santos/SP (2008 e 2009); Duque de Caxias/RJ (2010); São José/SP (2012 e 2013); Ferroviária/SP (2014); e Audax-Corinthians/SP (2016) . A região Sul, com Foz de Cataratas/PR (2011) e Kindermann/SC (2015), e a Região Centro-Oeste com Saad/SP (2007) completam a lista de campeões da competição

Num cenário semelhante ao apresentado nesse estudo, referente ao local de nascimento dos nadadores olímpicos brasileiros, Bueno et al. (2020) apontam que a grande maioria (77,07%) destes atletas são provenientes da Região Sudeste. Os autores sugerem que o predomínio de atletas dessa região se dá por conta das características econômicas e populacionais, sendo elas fatores relevantes para o desenvolvimento esportivo na região, assim como para a garantia de uma infraestrutura adequada. Tozetto et al. (2017), demonstram que, entre 2000 e 2016, mais da metade dos atletas medalhistas olímpicos brasileiros nasceu (58,6%), nessa mesma região.

No caso do futebol brasileiro de mulheres, todos os clubes do Campeonato Brasileiro Série A1 de 2021 possuem jogadoras nascidas no Sudeste. 11 dos 16 clubes que jogaram o torneio tiveram a maioria de suas atletas nascidas nesta região, com destaque para Ferroviária (82,4%) e o Flamengo (100%) – ainda que, respectivamente 76,4% e 40% das jogadoras sejam oriundas de outros estados. Este dado evidencia a capacidade de ambos os clubes em recrutarem atletas de outros lugares, mesmo que da Região Sudeste, não imune do movimento de migração de atletas. A Tabela 3 expõe a frequência relativa de migrantes por clube:

Tabela 3. Recrutamento de atletas migrantes de Estados por clubes

CLUBE	ESTADO	FREQUÊNCIA ABSOLUTA DE ATLETAS DO ESTADO DO CLUBE	FREQUÊNCIA ABSOLUTA DE ATLETAS DE ESTADOS DIFERENTES DO CLUBE	FREQUÊNCIA RELATIVA DE ATLETAS MIGRANTES
Real Brasília	DF	0	15	100,0%
Avaí Kindermann	SC	1	18	94,4%
Botafogo	RJ	2	15	86,7%
Minas	DF	2	14	85,7%
Grêmio	RS	3	18	83,3%
Napoli	SC	3	18	83,3%
Palmeiras	SP	3	18	83,3%
Cruzeiro	MG	3	16	81,3%
Ferroviária	SP	4	17	76,5%
Internacional	RS	5	18	72,2%
São José	SP	5	17	70,6%
Corinthians	SP	6	18	66,7%
Santos	SP	6	18	66,7%

Bahia	BA	10	18	44,4%
Flamengo	RJ	6	10	40,0%
São Paulo	SP	11	18	38,9%

Fonte: Elaborado pelas/os autoras/autores

Interessantemente, essa predominância do Sudeste não é relatada por Martins; Silva; Vasquez (2021), que investigaram o futebol como modalidade esportiva praticada por mulheres no Brasil para além do alto rendimento. Com base nos dados da PNAD (2015), as mulheres praticantes de futebol no Brasil são, em sua maioria, negras (71,7%), possuem as menores rendas individuais, compõem famílias de classes econômicas menos abastadas e são oriundas de outras regiões do país.

Retomando o cenário da elite, vemos a existência de um movimento migratório rumo ao Sudeste, dada a predominância de equipes do sul e do sudeste na elite, bem como as oportunidades de prática em clubes na série A do futebol de mulheres substancialmente maiores em relação às demais regiões brasileiras. Trata-se de um fenômeno reportado por Marques; Marchi Junior (2022) no futsal masculino brasileiro: os jogadores, via de regra, se submetem a mudanças geográficas constantes, em busca de condições menos nocivas ao exercício bem sucedido de suas carreiras esportivas. A migração de jogadoras de futebol no alto rendimento rumo ao Sudeste é, também, consequência do enfraquecimento dos clubes de outras regiões brasileiras, cujos investimentos, (ainda mais) parcos, já não mais oferecem condições de sustentar alguma competitividade frente marcas consolidadas no cenário nacional – conjuntura análoga a outros contextos, como o supracitado futsal, e o futebol de alto rendimento praticado por homens (MARQUES; MARCHI JUNIOR, 2022).

O futebol brasileiro contemporâneo de mulheres vive, assim, uma “faca de dois gumes”: experimenta inédita visibilidade e êxito comercial, refletidas por recordes de público em partidas oficiais, transmissões em TV aberta e crescimento - ainda que gradual – da média salarial de atletas e interesse de novos patrocinadores, para além dos que financiam o futebol de homens. A redistribuição de forças, contudo, parece trazer benesse à uma faixa restrita de atletas, que integram o topo da pirâmide profissional. O processo de extinção e enfraquecimento econômico de equipes, sobretudo das regiões Norte e Nordeste, torna clarividente uma das contradições do desenvolvimento da modalidade no Brasil.

CONCLUSÃO

Esse estudo teve como principal objetivo analisar o local de nascimento das jogadoras da Série A1 do Campeonato Brasileiro 2021 e evidenciou a concentração do Sudeste, região brasileiro que apresenta o maior IDHM, possui mais de ⅔ do total da população brasileira e, também, se configura como a mais rica em renda per capita e mais industrializada do país. Por sua vez, o Norte, detentor da menor renda familiar média e do segundo menor IDHM do país, é a região menos representada por atletas na competição, havendo, portanto, uma relação diretamente proporcional entre desenvolvimento socioeconômico e participação esportiva no cenário investigado.

Em relação à participação dos clubes, podemos observar um predomínio de clubes do Sudeste durante toda a história do campeonato, além do fato de que todos os campeões anteriores - e o atual - são da região. Em contrapartida, é possível perceber uma queda no número de clubes representantes do Nordeste, que se intensificou a partir de 2019, quando regras impostas por CBF e CONMEBOL, que supostamente visam a democratização e o desenvolvimento esportivo da modalidade entre as mulheres, entraram em vigor.

Os resultados sugerem que o fomento e desenvolvimento do futebol é desigual pelo Brasil e indicam a necessidade de mais análises, discussões e ações referentes à democratização do acesso ao esporte e da possibilidade de desenvolver-se como atleta de alto rendimento. Ademais, apresenta algumas possíveis consequências das ações afirmativas de entidades esportivas, que são de extrema importância e devem ser acompanhadas com mais criticidade, para que a modalidade não siga caminhos já conhecidos, resultando, por exemplo, em uma espécie de elitização. Portanto, reforçamos a necessidade e urgência de um programa de desenvolvimento da modalidade em longo prazo por todo o território nacional, visando não apenas o êxito esportivo, mas também melhores condições para as atletas e todos os e as profissionais envolvidos e envolvidas.

O estudo possui limitações quanto ao tipo de amostragem (conveniência). Desse modo, a consolidação de fontes de dados fidedignas tem grande importância para a reunião de informações, que permitam uma análise e problematização sobre o status quo de futebol de mulheres no Brasil por parte da comunidade científica, a partir da origem geográfica de jogadoras de futebol profissional no país, considerando, também, os campeonatos nacionais que correspondem à segunda e terceira divisões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA**, v. 4, n. 1, p. 72-97, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.4.1.72-87.

BARREIRA, Júlia; MAZZEI, Leandro; CASTRO, Flávio Denardi; GALATTI, Larissa Rafaela. O futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020. p. 29-44.

BARREIRA, Júlia. **Desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres: conceitos, ações e implicações**. 2021. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física (FEF), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2021.

BARREIRA, Júlia; SANTOS, Fernando; MAZZEI, Leandro; GALATTI, Larissa Rafaela. The sport development and its socio-cultural and managerial aspects: an integrative review. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 28, 2022.

BUENO, Bruna Lindman; MAZZEI, Leandro Carlos; GALATTI, Larissa Rafaela; SCAGLIA, Alcides José. Local de nascimento dos nadadores olímpicos brasileiros como fator de influência para o Sucesso Esportivo. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 10, e10027, 2020.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Perfil da indústria nos estados**.

Superintendência da Economia - ECON / DDIE, 2021. Disponível em:

<https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/economia/cni-divulga-perfil-da-industria-nos-26-estados-e-no-distrito-federal/>.

CONMEBOL - Confederação Sul-Americana de Futebol. **Regulamento de Licenças de Clubes foi aprovado**. 2016. Disponível em: <http://www.conmebol.com/pt-br/regulamento-de-licencas-de-clubes-foi-aprovado>.

COSTA, Israel Teoldo da Costa; CARDOSO, Felipe da Silva Leite; GARGANTA, Júlio. O Índice de Desenvolvimento Humano e a data de nascimento podem condicionar a ascensão de jogadores de futebol ao alto nível de rendimento. **Motriz**, v. 19, n. 1, p. 34-45, 2013.

COSTA, Israel Teoldo; CARDOSO, Felipe da Silva Leite; Talent map: how demographic rate, human development index and birthdate can be decisive for the identification and development of soccer players in Brazil. **Science and Medicine in Football**, v. 5, n. 4, p. 293-300, 2021.

<https://doi.org/10.1080/24733938.2020.1868559>

CÔTÉ, Jean; TURNNIDGE, Jennifer; VIERIMAA, Matthew; EVANS, Blair; GALATTI, Larissa Rafaela. Quadro teórico para o desenvolvimento de valores pessoais no processo dinâmico de desenvolvimento pelo esporte. In: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R (Orgs.). **Múltiplos Cenários da Prática Esportiva: Pedagogia do Esporte/Organização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

FARIA, Larissa Oliveira; BREDT, Sarah da Gloria Teles; RIBEIRO, Amanda; GALATTI, Larissa Rafaela; ALBUQUERQUE, Maicon Rodrigues. Inequality in Brazilian basketball: the birthplace effect. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 23, e76932, 2021. <https://doi.org/10.1590/1980-0037.2021v23e76932>

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Estatutos de La FIFA: **Reglamento de Aplicación de los Estatutos**; Reglamento del Congreso. Zurique: FIFA, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2XudEhp>.

GALATTI, Larissa Rafaela; CÔTE, Jean; REVERDITO, Riller Silva; ALLAN, Veronica; SEOANE, Antonio Monteiro; PAES, Roberto Rodrigues. Fostering elite athlete development and recreational sport participation: A successful club environment. **Motricidade**, v. 12, n. 3, p. 20-31, 2016.

GALATTI, Larissa Rafaela; MARQUES FILHO, Cesar Vieira; SANTOS, Yura Yuka Sato; WATONIKI, Guilherme; KORSAKAS, Paula; MERCADANTE, Luciano Allegretti. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). **Movimento**, v. 27, e27014, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106017>.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade, **Revista USP – Dossiê: Copas do Mundo**, n. 117, p. 31-38, 2018

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2020**. Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS, 2020.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatório**, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020. DOI: [//doi.org/10.15847/obsOBS14420201590](https://doi.org/10.15847/obsOBS14420201590).

LEONARDI, Thiago José; GUTIERREZ, Diego Monteiro; SARTI, Ariane Caroline; SOUZA, Lucas Arromba; NICOLAU, Paula Simarelli; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues; Funding and performance of amateur and youth organizations in Brazil: a longitudinal analysis of a basketball league. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 27, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Migration for Work: Brazilian Futsal Players' Labor Conditions and Disposition for Mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 45, n. 3, p. 272–299. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193723520928592>

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, e27006, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109328.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela; Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, 2020, DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>.

- PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo, **Ponto Urbe**, v. 14, 2014, DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1621>.
- PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO, Brasília: 2016. Organização das Nações Unidas, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Fundação João Pinheiro. **Desenvolvimento humano nas macrorregiões brasileiras**. 2016.
- PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO, Lisboa: Organização das Nações Unidas. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2020**. A próxima fronteira: o desenvolvimento humano e o Antropoceno. Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento. Lisboa: Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. 2020.
- SILVA, Bruna Kellermann da. **O futebol feminino em expansão: determinantes, políticas públicas e perspectivas**. Subsídios para a compreensão do contexto brasileiro. 2020. Dissertação (Mestrado em Direção e Gestão Esportiva) - Escola de Ciências e Tecnologia (ECT), Universidade de Évora (UE), Évora, 2020.
- TOZETTO, Alexandre Vinicius Bobato; ROSA, Rodolfo Silva; MENDES, Felipe Goedert; GALATTI, Larissa Rafaela; SOUZA, Edison Roberto; COLLET, Carina; MOURA, Bruno Monteiro; SILVA, Walan Robert. Local de nascimento e data de nascimento de medalhistas olímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 19, n. 3, p. 364-363, 2017. <https://doi.org/10.1590/1980-0037.2017v19n3p364>.
- UHLE, Eduardo Roberto; PALMA, Bartira Pereira; LUGUETTI, Carla; GALATTI, Larissa Rafaela Sensitivity, shared purpose, and learning community: a case study of a Brazilian sport program with children and young people from socially vulnerable backgrounds. **Physical Education and Sport Pedagogy**, p. 1-18, 2022.
- WILLIAMS, Jean. **A beautiful game: international perspectives on women's football**. Londres: A&C Black, 2007.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho:

À todas as pessoas que contribuíram durante o longo processo;

Aos queridos Luis Felipe Nogueira e Lucas Tamashiro pela ajuda quando ainda existiam apenas ideias;

Às professoras Larissa Rafaela Galatti e Mariana Zuaneti Martins por toda a força, colaboração e orientação.

Aos meus familiares e amigos que estiveram comigo e, de alguma forma, me apoiaram.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria considera não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Bianca Poffo

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 17.03.2023

Aprovado em: 08.09.2023